

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

## Trabalho 1989 - 1/2

HOMENS NA ENFERMAGEM: A SUSTENTABILIDADE DO PROCESSO DE  
TRABALHO DA ENFERMAGEM**BARBOSA, Elane da Silva Barbosa**<sup>1</sup>BARBOSA, Antonio Benson Abreu Santiago<sup>2</sup>MORAIS, Jocasta Maria Oliveira<sup>2</sup>NASCIMENTO, Maria Elizabeth do<sup>2</sup>SILVA, Wanderley Fernandes<sup>3</sup>VIANA, Geórgia Maria de Castro<sup>2</sup>

DESCRITORES: Autonomia profissional. Gênero. Processo de enfermagem.

No que concerne às discussões de gênero na enfermagem, temos abordado bastante o fato da profissão ser considerada eminentemente feminina. Como se fosse, portanto uma mera extensão do cuidado exercido no lar. Mas será que já paramos para pensar como tem se materializado a inserção do homem nessa profissão? Ou melhor, será que já atentamos para o fato de que as relações de gênero na enfermagem dificultam a própria sustentabilidade do processo de trabalho do enfermeiro? Então, será que essa situação não dificulta a própria produção do serviço em saúde? Para nos ajudar a refletir sobre essas questões, sentimos a necessidade de realizar uma pesquisa bibliográfica, sendo consultados alguns autores: Saffioti (1987); Heidegger (2000); Passos (2001) e Foucault (2005). Além disso, também utilizamos de oficinas, dramatizações, estudos de monografias construídos por discentes de séries anteriores, relatando a questão da inserção do homem na enfermagem. Como também, valemo-nos das nossas vivências durante as práticas na disciplina Semiologia e Semiotécnica do Adulto, ministrada no quarto período de enfermagem. Assim, ao termos contato com o referencial teórico, percebemos, a partir das relações de gênero, que foram atribuídos estereótipos para os homens e as mulheres. Aqueles, por sua vez, ocupam o papel do provedor, forte, viril, racional, enquanto estas devem ser frágeis, submissas, delicadas, sensíveis. Por conseguinte, ao homem não cabe realizar determinadas atividades profissionais, tais como a enfermagem. Tanto que é extremamente interessante o fato de que nas guerras, os homens só ocupavam o posto de enfermeiros quando eram considerados "inaptos" para exercer outra função; convertendo-se, pois, em uma espécie de castigo. Desse modo, esquecemos de perceber como acaba sendo difícil a inserção do homem em uma atividade profissional predominantemente feminina. Então, além do preconceito que enfrenta no próprio contexto social, tendo muitas vezes questionada sua própria orientação sexual, acaba encontrando obstáculos na relação profissional - usuário. Como, por exemplo, no momento da realização de um exame citopatológico, no qual muitas mulheres se negam a serem atendidas por um enfermeiro. Essa situação, sob outra perspectiva, também se relaciona ao fato do enfermeiro sofrer constantemente no exercício profissional

<sup>1</sup> Discente do 5º período do Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Endereço eletrônico para contato: elane-barbosa@hotmail.com.

<sup>2</sup> Discentes do 5º período do Curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

<sup>3</sup> Enfermeiro. Mestre em Meio Ambiente pela UERN e docente da Universidade Potiguar e da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

Iracema Gardã



## Trabalho 1989 - 2/2

discriminação em decorrência da hierarquização do saber em saúde. Isso porque o seu saber é considerado inferior em relação ao conhecimento médico. Porque se pensarmos no caso do ginecologista, por exemplo, não há tanta resistência por parte das mulheres na realização do exame citopatológico. Diante do exposto, é mister a relevância dessa discussão no âmbito da enfermagem. Pois, além de proporcionar reflexão os estereótipos atribuídos ao enfermeiro, coloca também em análise a questão dos saberes como fator de discriminação no campo da saúde. Assim sendo, leva-nos a refletir que as relações de gênero precisam ser discutidas na enfermagem a partir de outro vislumbre, quer dizer, não apenas sobre a predominância feminina na profissão, mas sobre a inserção do homem nesse espaço. Justamente para que seja garantida a sustentabilidade do processo de trabalho do enfermeiro.

## BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 21ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

PASSOS, Elizabete Silva. **De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia/EDUFBA, 1996.

SAFFIOTI, Heleieth, I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.